

burguesa.) (...) Eu me culpava por questionar e me perguntava se, no fundo, eu não tinha era despreendimento suficiente para largar tudo e sair lutando pelos ideais em que acreditava. (...) A dificuldade dentro do Movimento não era só não poder discutir isso com os meus chanichim, mas também, e principalmente, não poder discutir isso com os meus próprios companheiros da minha idade. (...) Eu era muito amigo do [...], nós éramos da mesma shichvá (...). O [...] era um cara inteligente e não gostava de ser questionado, a partir de um certo ponto ele desconversava - "Isso é assim mesmo." - e dava o assunto por encerrado. Me incomodava muito aquilo, que eu vim a perceber depois que era uma atitude dogmática, e na ocasião eu achava apenas que ele tinha muitas certezas e eu achava incrível uma pessoa ter tantas certezas. Eu o admirava muito por aquilo que eu não era: um homem de certezas e verdades definitivas. Ele tinha certezas absolutas sobre tudo. E eu tinha muitas dúvidas... Para mim o [...] era o modelo. (...). Eu achava que a vida dele devia ser muito fácil, porque ele tinha certezas e a minha era uma vida muito torturada, cheia de dúvidas - nesse sentido eu o admirava. [27]

Sair do Movimento não era uma decisão rápida e fácil, contam os depoimentos. O sentimento de frustração acompanhou várias das pessoas que deixaram o Dror até que encontrassem outras metas de vida. *Ex-chaverim* afirmam que, depois de romper os laços com o Movimento, passaram por um período em que se sentiram *perdidos, solitários, tristes, marginalizados, renegados, desadaptados...*

Tive dificuldades de integração; era difícil me sentir brasileiro, eu estava desadaptado da vida real, como alguém que volta da guerra do Vietnã, passei por um período traumático. Quem volta do Vietnã só consegue se relacionar com ex-combatentes, para mim não havia isso, o fato de "sair do Dror" não unia ninguém. (...) foi um ano de depressão... [9]

A readaptação nem sempre foi tranqüila. Era preciso fazer novos amigos, aprender a dançar, voltar à escola, incorporar outros códigos de relacionamento, enfim, adequar-se à vida que tanto se havia criticado ou procurar, como vários fizeram, outros focos de interesse e caminhos tais como grupos de teatro, militância estudantil, socialista ou judaica no Brasil. Depois, as carreiras profissionais e as responsabilidades de uma vida familiar os fizeram esquecer muitas das expectativas da juventude. Vários *ex-chaverim* contam, entretanto, que precisaram ir até Israel - alguns até o kibutz - para se convencerem de que não iriam mesmo morar lá, para finalmente abandonarem os projetos droristas.<sup>106</sup>

### 3.9. Expectativas

#### 3.9.1. Expectativas com relação à vida familiar

*Uma vez destruído o capitalismo desaparece a família burguesa e a Revolução dará origem a novas relações entre os sexos.*

A família do futuro era apenas uma idéia vaga na mente dos jovens *chaverim* no Brasil. Em teoria, criticavam o modelo burguês e se propunham a adotar o que imaginavam ocorrer no kibutz. Por vezes, entravam em discussões sobre o tema, mas nada muito aprofundado. Em geral, despreocupados com um assunto que lhes parecia distante no tempo e no espaço, confiavam em fórmulas como a *família é o kibutz*, acreditando que todos os companheiros constituiriam laços afetivos e de solidariedade mútua tão fortes que suplantariam os tradicionais e os familiares. Alguns extrapolavam, idealizando essa convivência, como se a vida no kibutz fosse uma extensão melhorada da vida de Movimento:

toda energia e camaradagem do grupo juvenil já na terra prometida, para todo o sempre, *os jovens pelos jovens e os jovens pela humanidade*. Não havia, portanto, um ideal de família gerado aqui no Brasil por “ideólogos” do Movimento, havia sim uma releitura da concepção de novas bases de convivência humana importada de Israel (e, segundo vários *ex-chaverim*, com pouca ligação com a vida concreta).

Não havia preocupação em constituir família, porque nós éramos todos uma grande família. No kibutz todos viveriam juntos e dançariam juntos... (Depois descobri o quanto havia sido ingênuo ao chegar em Israel [para o Machon] e ingressar no kibutz veterano (...) acabei percebendo que o kibutz era uma aldeia e não uma grande família... era a soma de um equipamento coletivo e uma porção de casinhas de cada família... no jantar, a família não ia para o refeitório, ficava em casa esperando que as mulheres enchessem as marmitas e as trouxessem, todos comiam cada um na sua casa! Foi um choque.) [17]

Por outro lado, uma verdadeira postura antifamília, se de fato existiu, nunca foi hegemônica no Movimento. Constituir família - marido, mulher e filhos - não deixava de entrar nos projetos de vida mais ou menos remotos dos *chaverim*. Na maioria dos casos, a experiência conjugal nunca esteve fora de questão e as moças não descartavam, a princípio, a idéia de serem mães algum dia e participarem da educação dos filhos.

O fato de a gente, naquela época, não usar batom ou roupas incrementadas não fez com que a gente perdesse nada do lado feminino. A luta nossa toda para participar de posições ativas, eu acho, nos valorizou muito mais como mulheres. E ela não se contrapunha à idéia de se querer ser mãe... (todas as nossas *chaverot* foram mães... todas as nossas que estão em Israel tiveram filhos). [8]

Ao mesmo tempo, a liberdade proporcionada por uniões vinculadas à duração do afeto mútuo, pela responsabilidade coletiva no cuidado das crianças e pela expectativa igualitária do trabalho de homens e mulheres era bastante atraente para estes jovens. O fato de, no Movimento e no kibutz, o casamento e a maternidade não serem, em termos ideológicos, exigências fundamentais para a realização feminina encantava várias moças, especialmente as mais sensíveis a pressões familiares e sociais em favor destas “*prioridades na vida de toda mulher*” .

Eu pensava em me casar, claro, passava pela minha cabeça, mas era uma coisa muito desagradável também, porque havia uma exigência disso. Eu comecei a senti-la depois dos 16 anos, sobretudo por parte do meu pai, influenciado por seus amigos que, após eu dar o meu primeiro concerto, passaram a dizer: “- Não deixe a menina ficar tocando piano, assim ela não vai se casar...” e outros comentários do tipo. Então, eu comecei a sentir um pouco de pressão (que eu nunca gostei de sentir), virou assunto em casa... Por mais que eu não gostasse da idéia [de abrir mão de tudo para me casar], isso começou a me aparecer em sonhos... era uma coisa que pressionava bastante a mulher. (...) Entre as moças do Movimento, esse tipo de expectativa e de pressão existia bem menos. De uma maneira muito mais natural: se namorava, então se falava em casamento e filhos, mas não como meta da vida, como algo importante na vida de uma pessoa, mas não a coisa principal. [20]

... para mim [construir uma família nos moldes tradicionais] era a coisa mais burguesa e mais imbecil do mundo. Eu queria viver feito a Simone de Beauvoir com o Sartre, isso é que era bacana, na minha cabeça (mas claro, num relacionamento monógamico). Eu cheguei a propor isso para o [meu namorado]... [26]

Alguns rapazes também sentiam um certo alívio do peso acarretado pela responsabilidade

“masculina” de, no futuro, sustentar uma família tendo que, por vezes, abrir mão de outros interesses e possibilidades de realização pessoal em função de um *trabalho honesto* e um *emprego que garantisse o leite das crianças*.

Nenhum de nós pensava assim: “- Como é que eu vou montar minha família?”, “- Como é que eu vou comprar um terreno, ou a casa que eu vou construir, as coisas que eu vou ter ...”. Não havia esse projeto de juntar dinheiro para a família. A idéia era: “a gente vai para o kibutz, a gente trabalha no kibutz, o kibutz cuida de todo mundo, todo mundo vota, cada um é um indivíduo... se surgirem crianças, o meshek as cria” e ponto final. [27]

Vivendo a juventude e o presente com intensidade, muitos rapazes e moças sequer pensavam sobre o seu futuro familiar... como seria se casar, ter filhos... A preocupação com a organização familiar futura ocorria mais entre moças (que tendiam a receber *fora*, desde cedo, uma educação nesse sentido) que entre rapazes, e mais entre os *chaverim* que se aproximavam da vida adulta e da *aliá*, aos 19, 20 anos, principalmente os que haviam estabelecido laços significativos e compromissos de fidelidade com alguém do sexo oposto. Mas, mesmo quando pensavam nesse assunto, o *chaverim* dificilmente o faziam conferindo a esse aspecto da vida uma dimensão mais complexa, preocupando-se em verificar o que de fato ocorria no cotidiano dos *kibutzim* em Israel e se a realidade correspondia ao idealizado no Brasil. Parecia-lhes o suficiente saber que, no kibutz, não havia diferenças entre funções e direitos de homem ou de mulher, as crianças passavam a maior parte do dia e toda a noite separadas dos pais, na Casa das Crianças (onde estariam bem, acostumando-se à vida coletiva, livres dos dilemas psicológicos fruto da vida com os pais, protegidas), para permitir que a mãe se dedicasse integralmente ao seu trabalho e a outros interesses pessoais, os meninos e meninas eram na verdade *filhos do kibutz* e recebiam uma educação igualitária, os casais se uniam com base na atração mútua (sem se obrigar ao casamento) e, se quisessem, podiam se separar sem maiores problemas. (O contato dos *chaverim* com *kibutzim* em Israel, em estágios ou já de forma tida como definitiva, parece não ter afetado essas idéias “brasileiras”, embora alguns tenham estranhado a concentração maior de mulheres nas atividades do cuidado com crianças, roupas e alimentação, a grande força dos laços familiares, a relativa solidão dos solteiros e a preocupação *conservadora* dos pais com os seus próprios filhos, maior do que com todos os *filhos do kibutz*.)

Vistos hoje, os debates sobre a educação das crianças no kibutz, por exemplo, soam um tanto artificiais na boca de pessoas que nem tinham filhos (muitas sequer pensavam nisso) e já se achavam capazes de falar sobre o assunto e dizer “concordo” ou “discordo” desse ou daquele aspecto, e que, chegando ao kibutz, acabavam incorporando-se ao esquema existente.<sup>107</sup>

Chegando a Israel, gente não ficava discutindo se é bom ou se é mau que as crianças não durmam com os pais, eram normas que já vinham prontas de cima, a gente as recebia prontas, não competia a nós resolver estes assuntos. (Lógico.) A gente era solteiro, ninguém tinha família, chegava no kibutz, que era uma sociedade organizada e pronta, e a gente tinha que se entrosar nessa sociedade. O nosso programa não era modificar esta sociedade, pelo contrário. E se a gente sentia que “para mim é difícil”, dizia “é porque eu sou mimada”, “eu venho de um meio burguês”, “olha que burguesinha que eu sou, eu preciso me esforçar mais”... o problema era “pessoal”. [22]

### 3.9.2. Expectativas com relação à vida em Israel

*Conseguimos, à base de um esforço imenso e repleto de sacrifícios, esboçar uma parte apenas da imagem da sociedade que concebemos. Pretendemos, porém, atingir, na escalada universal para o progresso, as difíceis etapas da construção de uma nova sociedade. (...) As comunas de milhares de homens que vivem nas aldeias e nos campos mostram, concretamente, o quanto isso será possível. (...) a base da sociedade, a massa obreira, dispõe-se cada vez mais na colaboração e construção do desejado mundo novo.* [Henrique Sazan. *Uma criança está chorando*. 1956]

*Ninguém sonha durante anos com um mundo melhor sem o imaginar perfeito.*  
[Primo Levi. *A trégua*.]

O sonho era um ingrediente fundamental no imaginário dos *chaverim* com relação à vida no kibutz. Além das utopias sionistas socialistas e das histórias épicas dos primeiros *chalutzim*, as fontes nas quais estes jovens baseavam suas expectativas não eram tão numerosas e, freqüentemente, não muito precisas ou detalhadas o suficiente. Numa época em que as viagens para o Oriente Médio eram caras e relativamente complicadas, não havia um grande fluxo de turistas brasileiros para Israel, as fontes mais pessoais de informação acabavam praticamente limitadas a determinadas pessoas com alguma ligação com o Movimento. Os *chaverim* fiavam-se nas palavras dos enviados de Israel cuja missão, além de preparar os espíritos para o que estava por vir, era justamente trazer esperança e espalhar entusiasmo e confiança. Também escutavam com atenção as narrativas dos companheiros regressos do período de estágio em que tinham adquirido uma certa noção da vida kibutziana... de como eram as casas, os chuveiros, os refeitórios... A imaginação ocupava as lacunas. A imensa maioria dos *chaverim* que embarcava nos navios para a *aliá*, incluindo as lideranças, dirigia-se para uma *vida definitiva* em um lugar que nunca tinham visto. (E mesmo alguns que “viram”, enxergaram com as lentes do idealismo.

Quase aos 16 anos - por volta de 1952 - eu fiz uma viagem com os meus pais para Paris e para Israel. A passeio. Mas foi também uma experiência: o país estava começando! Incrível!... então, fui para o kibutz Bror Chail passar dois dias... fiquei com a Mira, que havia sido a minha madrinha no Brasil... Como os meus pais já sabiam o que eu queria [viver no kibutz], meu pai disse: “ - Ah! É ótimo que você passe lá alguns dias, quero ver como você, que só fica com o piano, vai se dar com um lugar árido...”. Naquele momento, as expectativas do meu pai não se confirmaram. (Mais tarde sim). Naquele momento, eu estava apaixonada pela idéia, achei que tudo possível - aos 16 anos tudo parece possível - você acha que pode ser uma pianista, pode viver num kibutz, pode ser socialista, tudo pode dar certo! [20])

Era sabido que a vida, nos primeiros tempos, não seria fácil. Além dos problemas de adaptação à língua, ao clima, ao trabalho e ao coletivismo, as dificuldades materiais (nem sempre especificadas) seriam inúmeras. Entretanto, o custo pessoal da integração na nova realidade era algo muito difícil de prever.

Os jornais diários traziam algumas notícias sobre as guerras na região e divulgavam, vez ou outra, informações gerais sobre as dificuldades econômicas, políticas e militares de Israel e a luta dos judeus para manterem seu estado nacional.

Às portas da *aliá*, os mais interessados podiam ter acesso a artigos sobre os *problemas econômicos de Israel*, a difícil *luta de classes* em Israel ou os dilemas políticos vividos pelos *kibutzim*, por exemplo, no material recebido ou publicado pelo Movimento. Em meados dos anos 50, as revistas impressas em espanhol pela Agência Judaica, *Cuadernos para el jalutz* e *Bases*, traziam discussões sobre os questionamentos políticos e

sociais enfrentados pelos *kibutzim*, as brigas no Movimento kibutziano, o enfraquecimento da fé no coletivismo e os problemas trazidos pelas novas ondas migratórias, *grandes massas judias que provêm de quase todos os países em que foi declarada a liquidação da Diáspora* ao passo que *são poucos os indivíduos que chegam das filas do Movimento Juvenil Chalutziano* cuja situação é *sumamente precária*<sup>108</sup>. Entretanto, ao que parece, não eram textos muito lidos ou muito influentes entre o grosso dos droristas. Os materiais mais divulgados entre os *chaverim* eram os pequenos relatórios sobre os progressos dos companheiros em Israel, o trabalho em Mefalsim, os ramos produtivos em Bror Chail...

As crises sócio-econômicas e políticas (decorrentes das transformações estruturais ocorridas no *Ichuv* após a proclamação do Estado israelense), por que passaria o Movimento kibutziano num futuro próximo, ainda não haviam minado a força da *ideologia pioneira cristalizada*<sup>109</sup> e seus *patrocinadores* controlavam o poder político em Israel. As esperanças do Movimento brasileiro refletiam também esse momento histórico.

Em 1952, os *chaverim* no Brasil tomaram conhecimento dos estatutos de Bror Chail, tornando um pouco mais nítidas suas idéias sobre o nível de vida comum da coletividade, os direitos e deveres dos membros e as prerrogativas conferidas aos veteranos pela antigüidade no kibutz, as normas fixadas para o uso de roupas e móveis, as delimitações dos períodos de trabalho e descanso, as condições para o recebimento de *chaverim* do Movimento e de gente de fora e o funcionamento das assembléias, cargos e comissões. Ficaram sabendo que todo o patrimônio em poder dos *chaverim* era propriedade do *meshek*.

A partir de 1956, o livro *Bror Chail* surgiu como uma das principais referências sobre as condições do país e a vida no kibutz. Mencionava as dificuldades enfrentadas pelo recém chegados, narrava a saga dos droristas brasileiros em Israel e descrevia os ramos produtivos desenvolvidos, a situação privilegiada das crianças, a vida cultural e os projetos otimistas do kibutz. À essa altura, os *chaverim* no Brasil já sabiam que havia *vida familiar no kibutz* (embora as crianças vivessem separadas dos pais e o interesse coletivo continuasse prioritário), que o período mais grave de racionamento de gêneros e de infra estrutura precaríssima havia terminado, que os jovens da Aliat Hanoar e os pais dos *chaverim* eram recebidos no kibutz e que o grau de coletivismo já não era tão radical.

Com “retalhos” como esses, os *chaverim* costuraram suas expectativas com relação à vida que teriam no kibutz. Seu feíto variou também de acordo com os interesses e preocupações de cada um (a igualdade entre os sexos, a possibilidade de realização artística ou profissional, o conforto, a influência política, a família etc.), as sensibilidades e as “gerações” (as primeiras, por exemplo, previam maiores dificuldades materiais; os *garinim* destinados a Erez esperavam problemas de ordem social). Na verdade, eram raros os que embarcavam com uma idéia definida sobre qual seria sua atuação ou ocupação no kibutz.

Ser feliz era uma das metas alimentadas pelos *chaverim*. O kibutz materializaria uma sociedade em que a justiça social (incluindo a igualdade entre os sexos) impera. Embora esperassem uma vida de muito trabalho, os *chaverim* tinham a certeza de que seriam felizes no kibutz. Muitos o aguardavam como se fosse um paraíso. Uns, que davam asas à imaginação, não se contentando como outros a conservar uma idéia abstrata do kibutz, vislumbravam *chalutzim* saudáveis e heróicos em seus tratores... crianças brincando com as galinhas... soldados corajosos nas torres... o sol brilhando ao longe...

Muitos acreditavam que, no kibutz, fosse possível modificar a *natureza do homem*

fazendo surgir o *homem novo*. O mundo socialista kibutziano seria perfeito e definitivo.

A socialização no kibutz seria uma resposta aos anseios de uma *intelligentzia*: só gente de tal nível, com ambições revolucionárias, poderia viver numa sociedade como esta. No kibutz, os *chaverim* executariam a missão de criar uma cultura moderna e um judeu diferente, trabalhador e soldado, orgulhoso, independente, *mais verdadeiro, mais essencial*. Também contribuiriam para que o país tivesse uma estrutura básica, solidária e distinta da Diáspora, capaz de receber os judeus que chegariam de diversas partes do mundo. Nesse sentido os *kibutzim* seriam fundamentais para o país; sua importância progressista seria reconhecida pelo governo e, mais cedo ou mais tarde, por todos os habitantes de Israel. Os *kibutzim* manteriam em suas mãos a liderança política do país. Movimento kibutziano e Movimento juvenil estariam estreitamente ligados. Os jovens do Brasil seriam bem vindos em Israel (como compete à quem oferece reforços) especialmente nos *kibutzim* que os aguardavam para um período de preparação ou como futuros integrantes. Com o tempo, o kibutz “dos brasileiros” seria forte e viável economicamente, embora o mais importante fosse a qualidade de vida que proporcionaria a seus membros. Desde muito cedo os *chaverim* do Brasil estariam interferindo politicamente nos destinos do novo país.

A possibilidade de realização pessoal era tida como certa no kibutz. O trabalho no campo seria saudável e compensador; com o tempo estreitaria os laços dos judeus com a Velha Nova Terra. Os companheiros usufruiriam de toda as benesses espirituais prometidas pelos ideólogos da *volta à natureza*. Depois de um dia de trabalho, à noite, as pessoas ainda teriam a disposição do tempo dos acampamentos juvenis para dançar e cantar em volta de fogueiras ao ar livre.

Como nos primórdios do Movimento kibutziano, a comunidade do *meshek* imaginada pelos *chaverim* seria bastante idealista e muito coesa. A harmonia entre interesses coletivos e individuais seria facilmente obtida. O coletivismo de praticamente todos os bens, por mais justo, seria a regra aceita por todos. Coerentes com seus princípios, os companheiros do kibutz seriam rigorosos e felizes na adoção da *simplicidade* na aparência e no modo de vida. Homens e mulheres teriam a chance de realizar os mesmos trabalhos e participar do mesmo modo nas resoluções coletivas e na administração do kibutz, sem discriminação. As crianças seriam todas igualmente tratadas como *filhos do kibutz*. As pessoas estariam livres do asfixiante moralismo sexual pequeno burguês. Na nova sociedade, o casamento oficial perderia a importância; para um homem e uma mulher morar juntos bastaria pedir por um quarto particular; seriam, então, vistos como um casal, *zug*, um par. Casados e solteiros poderiam viver igualmente bem na medida em que os laços com o grupo seriam tão ou mais fortes que os familiares e que cada um seria tratado como um indivíduo independente.

Nas expectativas de grande parte dos *chaverim*, o kibutz seria uma espécie de comuna de jovens. Muitos, inclusive, deram-se conta, mais tarde, de que não estavam preparados para encontrar nos *kibutzim* uma sociedade com pessoas de todas as idades (e não só *uma moçada bem disposta* e com *espírito de aventura*) e com famílias formadas e laços familiares significativos (e não indivíduos soltos ligados social e afetivamente apenas ao grupo mais geral).

A divisão de tarefas seria justa e igualitária; nos trabalhos mais aborrecidos, mais árduos ou difíceis haveria um rodízio. As oportunidades de realização pessoal seriam, portanto, mais abrangentes.

O kibutz apresentaria a solução definitiva para a questão da emancipação das mulheres e a possibilidade de se realizarem para além dos papéis ditos femininos na sociedade burguesa.

Todos viveriam em função da comuna e seriam pessoas generosas, fraternais e dedicadas. Trabalhariam o quanto pudessem e receberiam o que precisassem, incluindo a oportunidade para desenvolver interesses intelectuais, vocações artísticas ou dedicar-se a outros *vãos de imaginação*. Com a vida material garantida, as pessoas poderiam dar vazão aos seus talentos. Seria também viável que todos se sentissem integrados na nova sociedade. Além disso, a realidade social no kibutz permitiria o indivíduo viver plenamente de acordo com seus valores judaicos e sociais. Quem levava na bagagem uma formação técnica mais sólida esperava empregar seus conhecimentos no desenvolvimento das atividades no kibutz. Alguns sonhavam com a possibilidade de síntese entre ideais e opção profissional. Em geral, as pessoas esperavam obter também algum tipo de satisfação pessoal no trabalho que faziam para o coletivo.

O espírito revolucionário estaria presente no dia a dia substituindo com vantagens a vida medíocre que aguardava os jovens no Brasil. Impotência, rotina, tédio, perspectivas limitadas eram impensáveis quando se estava combatendo ao lado das classes proletárias do mundo pela verdadeira Revolução Socialista. A partir do kibutz, os *chalutzim* iriam ajudar a construir um mundo igualitário, sem mais sofrimentos ou pobreza. Os núcleos kibutzianos, com repercussão universal, seriam um meio e o exemplo para a criação da sociedade socialista no mundo.

No seu kibutz, o indivíduo estaria cercado por seus amigos da juventude, compartilhando com eles os mesmos ideais e as alegrias das conquistas do dia a dia, da convivência com o grupo e do trabalho conjunto. A vida cultural seria intensa e variada. E os *chaverim* teriam tempo suficiente para o lazer e os estudos.

Os jovens droristas pensavam não ser tão difícil romper com a vida que levavam na Diáspora, despedir-se de parentes, amigos e confortos conhecidos. Os pais, se quisessem, num futuro não muito distante, poderiam unir-se a eles.

A palavra sacrifício não estava presente no vocabulário dos *chaverim*, embora muitos (nem todos) vislumbrassem com mais clareza algumas das dificuldades por que teriam de passar no novo país com a mudança radical de vida. Tudo valeria à pena na medida em que se seguia o ideal pioneiro. Todos ou a maioria os desafios, inclusive as dificuldades do trabalho braçal, poderiam ser superados com boa vontade, motivação e preparo ideológico. Os esforços seriam recompensados pela oportunidade de crescer como ser humano e estar em paz consigo mesmo. A capacidade de adaptação corresponderia à energia nela empregada desde o tempo da militância integral no Brasil, especialmente o período na Hachshará. Para muitos, inclusive, o nível de politização e adesão intelectual à ideologia estaria na ordem direta da capacidade de adequação do sujeito à vida kibutziana.

Os droristas esperavam também ter saúde e paz. É claro que sabiam da necessidade de *autodefesa* armada, do preparo militar de homens e mulheres no país, da importância estratégica das colônias para garantir as fronteiras israelenses e que a vida dos judeus em Israel implicava num esforço combinado em função das demandas *militares e de reconstrução civil* <sup>110</sup>. Nesse caso, entretanto, entre saber e dar-se conta das conseqüências dramáticas da luta armada, havia uma certa distância. A morte em 1955 do *chaver* do Movimento brasileiro Itzhak Babsky, 19 anos, voluntário do corpo de pára-quedistas no

*front* egípcio, trouxe a realidade violenta da guerra mais próxima dos *chaverim*, que ficaram profundamente abalados com a tragédia da primeira perda de um companheiro de Bror Chail em combate.<sup>111</sup>

Israel seria um país perfeito para a reunião dos judeus e sua normalização histórica. Sem discriminações sociais, étnicas e de origem, sem desigualdades acentuadas e *patologias sociais*, marcado por valores éticos, Israel abrigaria uma sociedade diferenciada, com uma profunda *noção missionária*.

### 3.10. Um kibutz em Jundiaí: a Hachshará

Mais que uma comuna de trabalho, produção e consumo, a Hachshará foi concebida como um instrumento educacional. Seu objetivo era tornar-se um local de qualificação técnico-profissional, complementação ideológica, estudo do hebraico e vivência do coletivismo integral. Seu fruto mais importante: indivíduos preparados para a vida no kibutz, a participação política em Israel e a luta pela sociedade socialista.<sup>112</sup>

Ainda antes de sua inauguração oficial, no início de 1949, alimentava esperanças de ser um local onde as pessoas aprenderiam a colocar a segurança e o bem estar dos companheiros acima de tudo e a olhar com confiança de vencedores para o futuro que as aguardava. Além do preparo para o trabalho cotidiano, esperava-se o amadurecimento do espírito para a vida fraternal e revolucionária em Israel.<sup>113</sup>

No momento adequado, os *chaverim* uniam-se os companheiros de várias cidades no mesmo estágio de militância, formando um *garin*, e entravam em grupo no kibutz de preparação Ein Dorot depois de passarem por exame médico e dentário. Os *garinim* seguiam uma seqüência; quando uma parte do grupo anterior emigrava, o seguinte já podia ingressar na Hachshará, receber as orientações e usufruir da experiência dos companheiros que ficavam mais um pouco, garantindo assim a continuidade dos trabalhos.

O primeiro grupo ingressou na Hachshará sem qualquer experiência e sem muita idéia de por onde começar a não ser uma vaga noção de como seria um kibutz. O que sobrava em disposição e idealismo faltava em conhecimentos agrícolas. Enfrentou problemas com o terreno, em parte uma várzea sujeita à inundação em época de chuvas, em parte terras elevadas pobres para o cultivo. As formigas atacavam com freqüência as plantações comprometendo a produção. A água, como descobriu-se mais tarde, estava contaminada. O *chaverim* construíram um estábulo (um espaço subaproveitado durante quase 3 anos por falta de animais). As primeiras habitações, simples casebres de barro cobertos com sapé, tiveram que ser substituídas rapidamente por construções um pouco melhores. Nos alojamentos, rapazes e moças solteiros dormiam separados, três ou quatro em cada quarto, os casais ficavam juntos. Os banheiros eram do lado de fora, os chuveiros só tinham água fria. Os 40 *chaverim* desse grupo recebiam ajuda dos habitantes dos sítios vizinhos, de um agrônomo judeu de São Paulo e mais tarde de Senda, um japonês com experiência agrícola que se tornou instrutor na Hachshará (anos depois, emigrou para Bror Chail como *chaver* do Movimento). Optou-se então pelo sistema de ausência completa de propriedade privada (depois incorporado aos Estatutos de Ein Dorot e adotado pelos outros *garinim*) como a melhor forma de preparação para o espírito da vida coletiva. Os enxovais e bens trazidos pelos jovens, os utensílios diversos, os livros, os móveis... tudo passava a pertencer a todos.<sup>114</sup>